

MOBILIDADE DO TRABALHO NO ESPAÇO AGRÁRIO DE CAMPO FORMOSO – BAHIA – BRASIL

Alex Dias de Jesus¹

alexdias@ifpi.edu.br

RESUMO

O artigo que aqui se apresenta discute a mobilidade espacial da força de trabalho no espaço agrário do município de Campo Formoso – Bahia – Brasil. A mobilidade a que nos referimos trata-se de trabalhadores temporários em lavouras no interior do município bem como em outras localidades, inclusive outros estados brasileiros. Argumentamos que as intensas transformações no mundo do trabalho tem precarizado intensamente as relações trabalhistas, criando, de modo cada vez mais frequente, o trabalho temporário ou parcial. A existência desses sujeitos migrantes, homens e mulheres não é apenas resultado das mutações do mundo do trabalho mas também é condição para que isso ocorra. Diante disso, abordaremos o papel do trabalho na produção do espaço, a mobilidade e precarização do trabalho e seus reflexos na vida dos trabalhadores.

Palavras-chave: trabalho, mobilidade, espaço agrário.

RESUMEN

El artículo presentado aquí discute la movilidad espacial de la fuerza laboral en el espacio agrícola del municipio de Campo Formoso – Bahia – Brasil. La movilidad que nos referimos son de los trabajadores temporales en campos dentro del municipio, así como en otros estados brasileños. Sostenemos que los cambios radicales en el mundo del trabajo tiene relaciones laborales precarias, con la creación de modo cada vez más frecuente, del trabajo temporal o a tiempo parcial. La existencia de estos sujetos migrantes, hombres y mujeres no es sólo el resultado de los cambios en el mundo del trabajo, sino también condición para que esto ocurra. Por lo tanto, se discute el papel del trabajo en la producción de espacio, la movilidad y la inseguridad laboral y sus efectos en los trabajadores.

Palabras – llaves: trabajo, movilidad, espacio agrícola.

INTRODUÇÃO

Se a emergência de variadas formas de trabalho no interior do processo de produção capitalista, apontam um mundo em constante transformação; se o trabalho não

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI) *campus* São Raimundo Nonato.

mais significa o ideal de progresso social; se emergem os discursos do associativismo, da sustentabilidade e da flexibilização, por outro lado, abre-se espaço para novas formas de exploração. Se tudo isso indica que os tempos fordistas já se foram, o trabalho não deixa de ser um elemento estruturante na vida humana.

O presente artigo, tem como objetivo principal analisar a mobilidade do trabalho no espaço agrário do município de Campo Formoso, no norte do estado da Bahia, apontando para a sazonalidade das contratações e as novas configurações por que passam o mundo do trabalho bem como a produção espacial.

O processo de expropriação camponesa e a impossibilidade de reprodução da vida em propriedades cada vez mais fragmentadas, aliadas à situação de semiaridez presente na região dificulta o trabalho autônomo e obriga famílias camponesas ao assalariamento temporário. Há, sobretudo nos meses de seca, um “vai e vem” constante de trabalhadores migrando para áreas mais úmidas no interior do município em busca de trabalho.

São principalmente jovens que durante algumas semanas fixam em uma determinada fazenda e concluindo o trabalho nesse local, partem para outros espaços. O trabalho nas plantações de sisal e tomate são os principais destinos dos “jovens andarilhos” no interior do município. Quando o destino é outro estado, principalmente São Paulo e Minas Gerais, destacam-se os trabalhos nos cafezais e canaviais.

Ao migrar, esses sujeitos transformam-se, e ao regressar não são mais os mesmos. Voltam mais experientes, porém, mais desacreditados diante da crescente precarização das condições de trabalho a que estão submetidos. É o “voo das andorinhas”, conforme aborda Martins (1986).

O espaço da casa, da família também não é mais o mesmo. É sobre essas transformações nos sujeitos e nos espaços vivenciados por eles, que pretendemos discorrer nesta pesquisa. Vale ressaltar que tais transformações são impostas pelas mutações no mundo do trabalho como consequência da reestruturação produtiva.

Este trabalho propõe, dessa forma, pensar o campo e o rural, como construções sociais, recriadas a todo o tempo. O campo não está acabado, ele é construído a cada dia; o modo de vida rural não está determinado, mas em constante transformação por meio do trabalho e dos trabalhadores.

A CENTRALIDADE DO TRABALHO E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O entendimento que se tem a respeito da Geografia é que a discussão do seu conteúdo e da sua sistematização enquanto ciência está subordinada ao seu objeto de estudo. Por muito tempo tal objeto apareceu de formas variadas ou até mesmo de formas indefinidas. Adotamos aqui, a ideia que teve origem no movimento de renovação da Geografia nas últimas décadas do século XX, de que seu objeto de estudo é o espaço geográfico. Este, oriundo da relação sociedade-natureza, mediada historicamente pelo trabalho.

A concepção que aqui se esboça, é que o espaço geográfico é produto dessa relação dos homens em coletividade com a natureza, produzindo espaços diferenciados na superfície terrestre, dando a eles conteúdo social. A relação de que falamos está no ato de transformar a natureza e o instrumento pelo qual os homens a fazem é o trabalho.

O trabalho está tão presente na vida do homem que transformando a natureza exterior ele transforma a sua própria natureza² e mais ainda, não é o trabalho somente fruto do homem, mas o próprio homem fruto do trabalho, como sugere Engels:

O trabalho é a fonte de toda a riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida Humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem (ENGELS, 2004. p. 13).

Como isso seria possível? Engels argumenta que a transformação do macaco em homem se deu em virtude das necessidades de adaptação aos ambientes, na busca por alimentos, por refúgios, etc. O movimento das mãos ao trepar em uma árvore, supõe que elas realizem uma função distinta da dos pés. Este simples ato contém trabalho, pois ele, através da necessidade de se alimentar, transformou a natureza.

² Marx e Engels em A Ideologia Alemã.

Partilhamos da concepção de espaço trabalhada por Santos inicialmente em 1978, p. 150 onde “o espaço geográfico é a natureza modificada pelo homem através do seu trabalho” e que “o ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço” (SANTOS, 2004. p. 202).

Nesse sentido, na satisfação das necessidades de moradia, alimentação, vestuário, etc. o homem precisa transformar a natureza por meio do seu trabalho e dessa forma transforma a sua natureza interior, visto que as experiências empregadas na realização de uma determinada tarefa são acumuladas, possibilitando o seu aperfeiçoamento no que concerne à satisfação de suas necessidades. É por isso que, se no início do desenvolvimento da humanidade ele criou o homem, transformando-o de macaco em homem, hoje ele recria cotidianamente homens e mulheres produtores de espaço.

Foi pelo trabalho que homens e mulheres se distinguiram dos animais. Pode-se dizer que, inicialmente, o trabalho emancipou o homem. Como então, este ato de transformação da natureza para o suprimento das necessidades humanas básicas transforma-se em seu avesso? Em esforço penoso, sofrimento e desumanização?

O trabalho aparece como relação metabólica, num intercâmbio entre homem e natureza. Para Moreira, 2001, p. 10: “nessa qualidade, o trabalho é uma atividade produtora de valores-de-uso, portanto transformadora de meios naturais em meios sociais de existência”.

Entretanto, com o surgimento do valor de troca tudo muda. De início, segundo Moreira, 2001, troca-se valores-de-uso, porém “quando as trocas se tornam mais generalizadas e complexas e a equivalência dos valores dos bens trocados uma necessidade prática, uma referência de medida de valor torna-se necessária.”

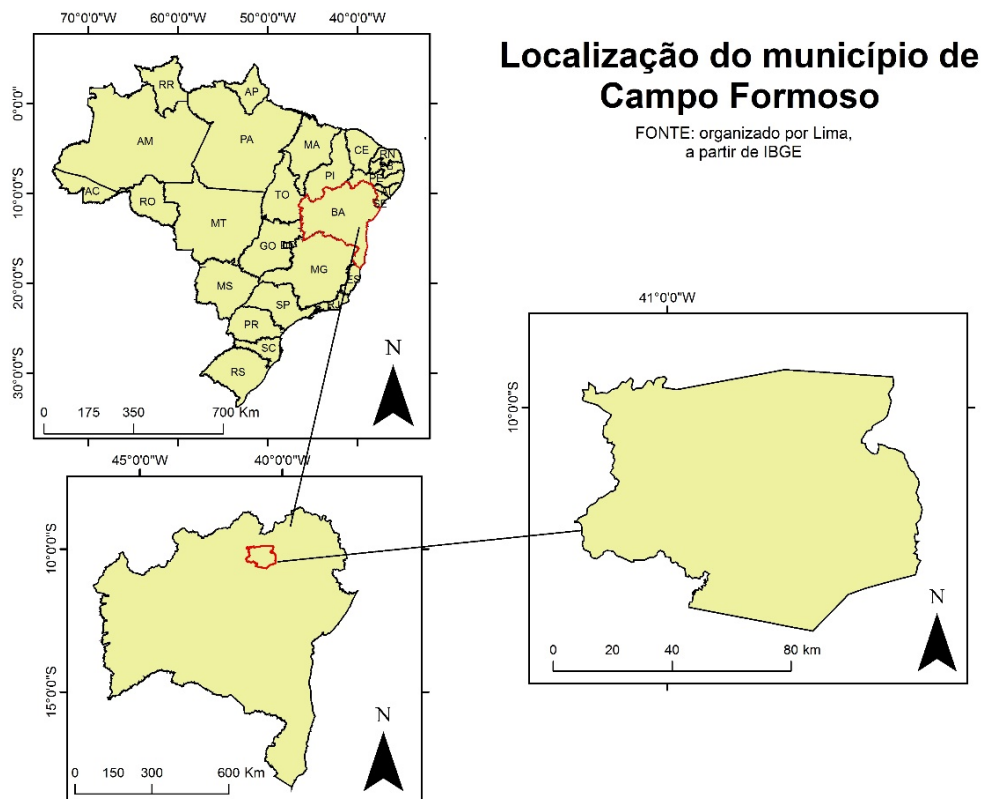
Portanto, as mutações no mundo do trabalho alteram as formas de produzir e conseqüentemente os espaços cada vez mais articulados entre si. A transformação dos espaços naturais em espaços cada vez mais artificializados ocorre por meio do trabalho de muitos homens e mulheres. A própria produção de bens para a reprodução da vida contém trabalho, por isso ele é ontológico ao ser humano.

A MOBILIDADE DO TRABALHO NAS LAVOURAS DE CAMPO FORMOSO-BA.

O município de Campo Formoso, localiza-se na porção Norte do estado da Bahia, a aproximadamente 401 km da capital, como pode ser observado na figura 1. De acordo com dados do IBGE, 2010, possui uma população de cerca de 71.000 habitantes e uma taxa de urbanização de 37%. Sendo a maioria vivendo no campo, a população tem sua renda principalmente na agricultura de subsistência.

Entretanto, a maioria das propriedades não consegue suprir as necessidades da família, seja pelo tamanho insuficiente ou pela ausência de técnicas adequadas para conviver com a situação de semiaridez presente na maior parte do município. Dessa forma, muitos trabalhadores, além daqueles despossuídos de qualquer meio de produção, inclusive a terra, não têm alternativas a não ser vender sua força de trabalho nas médias e grandes propriedades do município e cada vez mais, em estados mais distantes como São Paulo e Minas Gerais.

Figura 1: mapa de localização do município de Campo Formoso-BA-Brasil.



O município tem um significativo comércio de minérios, mas o processo social que estamos analisando – a mobilidade da força de trabalho, verifica-se em maior escala na agricultura, não deixando de ocorrer também na atividade mineradora em alguns casos. Isso significa que, desempregados, jovens trabalhadores podem passar algumas semanas na extração de minérios e depois serem contratados em uma fazenda ou até mesmo na construção civil.

A partir de entrevistas realizadas com moradores do povoado de Tiquara, distante 27 km da sede do município comprovamos a tese de que as transformações atuais no mundo do trabalho, tem reduzido os postos permanentes e ampliado as formas de trabalho em tempo parcial e temporário em um tempo cada vez menor, o que reflete na alta sazonalidade das contratações e conseqüentemente na intensa precarização a que esses trabalhadores estão submetidos.

Eu vou pra Minas todo ano desde 2008. Já são seis anos que eu vou e levo mais vinte comigo. A gente fica lá uns três meses até o café acabar, então a gente volta e fica aqui trabalhando no que dá. Mas este ano eu não quero ir, se eu arranjar serviço aqui eu não vou mais, Porque quando a gente sai a gente se sujeita a tudo (Trabalhador 1, 31 anos).

O depoimento acima demonstra que a mobilidade espacial da força de trabalho ocorre por não haver alternativas no espaço de origem. Havendo alternativas, mesmo precárias, há permanência de muitos trabalhadores no local. A eliminação de postos de trabalho permanente e a ampliação de postos temporários ou parciais colocam esses trabalhadores em uma constante mobilidade. Sair e retornar é uma situação constante que marca o ritmo da vida.

De acordo com as informações obtidas em entrevistas com trabalhadores, anualmente, cerca de oitocentas pessoas deslocam-se da região (povoados de Tiquara, Lagoa do Porco, Varzinha, dentre outros menores) com destino à cidades de Minas Gerais para trabalhar nas lavouras de café. Depois de cerca de três meses, retornam para Campo Formoso e ficam “disponíveis” à sazonalidade das lavouras do município. O fato chama atenção pois nos povoados citados a população não ultrapassa cinco mil pessoas.

Os principais destinos em Minas Gerais são os municípios de Machado, Turvolândia e São Gonçalo, onde trabalham por produção. Em média recebem 10 reais

por saco de café colhido. Em virtude disso, é muito comum se submeterem a extensas jornadas de trabalho para aumentar o rendimento.

A gente trabalha por produção tanto aqui quanto lá (em Minas). Tem gente que faz mais porque já está acostumado, aguenta mais o serviço. Quem vai pela primeira vez faz bem menos. Aqui, eles pagam em média duzentos reais por tonelada de sisal. O difícil é fazer isso tudo. É ruim de todo jeito, aqui pelo menos a gente está em casa (Trabalhador 1).

As informações contidas nas tabelas 1 e 2 nos ajudam a entender a mobilidade da força de trabalho no interior do município.

Produto	2010	2011	2012	2013
Banana	2.720	1.360	800	1.008
Laranja	115	138	110	40
Mamão	225	162	171	150
Manga	396	396	225	300
Maracujá	312	289	405	288
Sisal	73.800	73.800	26.800	50.920

Tabela 1: Principais produtos da lavoura permanente do município de Campo Formoso-BA.

(Toneladas)

Fonte: IBGE, 2015. **Elaboração:** próprio autor, 2015.

Tabela 2: Principais produtos da lavoura temporária do município de Campo Formoso-BA. (Toneladas)

Produto	2010	2011	2012	2013
Cana-de-açúcar	1.350	2.025	1.935	1.440
Cebola	2.136	2.400	2.240	2.100
Feijão	2.378	1.682	–	139
Mandioca	12.000	11.700	4.590	3.600
Melancia	405	540	690	570
Tomate	2.640	2.640	3.780	3.025

Fonte: IBGE, 2015. **Elaboração:** próprio autor, 2015.

Conforme pode-se observar a partir dos dados das tabelas 1 e 2, os principais cultivos em termos de volume de produção no município são o sisal (agave), mandioca e tomate. A mandioca, por fazer parte diretamente da dieta do sertanejo, tem sua produção generalizada entre os pequenos produtores e trata-se de um produto de subsistência das famílias de todo o semiárido brasileiro. Já o sisal e o tomate, apesar de ocorrer em pequenas propriedades, são mais característicos das médias, onde predomina o trabalho remunerado e quase nunca o trabalho familiar.

É para as fazendas de sisal e tomate, que juntas, ocuparam em 2013 aproximadamente 53 mil hectares, que se dirigem os trabalhadores temporários. Tal constatação nos permite afirmar que, não é apenas a existência desses cultivos que explica a contratação temporária da força de trabalho precarizada, mas também a existência de trabalhadores “volantes”, disponíveis alimenta a manutenção e expansão de tais cultivos.

Esse processo, empiricamente, confirma o argumento esboçado por Perpétua (2013) que afirma:

A mobilidade espacial, tanto do capital quanto da força de trabalho, não é apenas um efeito da dinâmica da acumulação sempre ampliada do capital, mas também um fator imprescindível para que ela ocorra, numa relação que lhe confere sentidos profundos no sociometabolismo hegemônico vigente. É, portanto, causa e consequência ao mesmo tempo (PERPÉTUA, 2013. p. 61).

É necessário deixar claro que inexistem registros formais em tais contratações, muito menos a garantia de direitos trabalhistas e é exatamente por esse motivo que os ciclos de trabalho tornam-se cada vez mais curtos. Os sujeitos são incluídos no mundo do trabalho mas tornam-se excluídos logo em seguida, quando o ciclo se fecha. Como afirma Conceição:

A perda dos direitos trabalhistas e o crescente desemprego favorecem a desrealização do ser na condição de sujeitos assujeitados ao capital, aceitando qualquer tipo de contrato precarizado, parcial e temporário, submetendo-se à racionalidade do capital e à lógica do mercado. Na situação de itinerantes tornam-se andarilhos, indo onde tem trabalho e retornando para o campo quando acaba (CONCEIÇÃO, 2007. p. 95).

Além dos trabalhadores que deslocam-se para as lavouras de café em Minas e entre fazendas de sisal e tomate dentro do município, constatamos um expressivo

número de pessoas que migram para o município de Itaju, no estado de São Paulo, onde desempenham diversas funções destacando as fábricas de costura. O curioso desses casos é também a sazonalidade dessa mobilidade.

São famílias inteiras que migram, estabelecem residências temporárias no local de destino mas sempre retornam ao lugar de origem. Alguns dos entrevistados fazem o percurso São Paulo-Bahia anualmente há 8 anos, mantendo a residência no local de onde partiram. O depoimento a seguir evidencia essa questão:

Já tem 7 anos que vou pra São Paulo e não quero comprar casa lá. Trabalho lá e volto pra minha casa. Tenho 6 filhos, 12 netos e 5 bisnetos lá, mas o nosso lugar é aqui. Lá é bom, tem serviço mas ninguém quer ficar lá. A gente vai porque é o jeito (Trabalhadora 2, 56 anos).

Como a trabalhadora em destaque no depoimento, existem muitos outros no povoado de Tiquara. Nas entrevistas realizadas, famílias inteiras repetem o argumento de que o lugar deles é onde nasceram. Isso reflete o grau de identidade que existe no lugar de origem que pode não existir no lugar de destino. Para o migrante não há estabilidade, como aponta Goettert, 2010. p. 17 “Os tempos e os lugares são provisórios, os amigos, o trabalho, a casa”.

CONCLUSÃO

As mutações no mundo do trabalho forçam transformações na vida de muitos trabalhadores, trabalhadoras e suas famílias. Constantemente, muitas pessoas precisam deslocar-se de seus lugares de origem, lugares onde construíram suas identidades por falta de condições para continuar reproduzindo a vida.

Tendo o trabalho como elemento estruturador da vida social e como categoria importante para a análise da produção do espaço, a presente pesquisa buscou no entendimento da centralidade do trabalho, o elemento central para compreender as transformações no espaço e principalmente na vida daqueles que se deslocam como estratégia de reprodução da vida.

A partir das leituras e, sobretudo das entrevistas realizadas com trabalhadores do povoado de Tiquara no município de Campo Formoso, podemos verificar a intensa

sazonalidade e precarização do trabalho. Tais situações são estratégias de acumulação mais ampliada dos capitalistas ou proprietários fundiários que extraem ao máximo mais valia do trabalho.

Aqueles que constroem suas vidas no universo das migrações temporárias transformam-se mais rapidamente. Ao retornar, já não é mais o mesmo. Conforme aponta Martins, 1985, o migrante temporário “modifica as relações sociais do seu grupo de origem, altera a organização da família, a divisão do trabalho familiar, o lugar de cada um. O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou”.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 15ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. Jovens andarilhos no curto ciclo do capital. **Revista OKARA**: Geografia em debate. João Pessoa, PB, DGEOC/CCEN/UFPB .V. 1, n. 1, p 77-100, 2007.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (org.) **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GOERTTERT, Jones Dari. Paradoxos do lugar mundo: brasileiros e identidades in: SPÓSITO, E. S; BOMTEMPO, D. C; SOUSA, A. A. **Geografia e migração**: movimentos territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARTINS, José de Souza. **Não há terras para plantar nesse verão** (o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo). Petrópolis: Vozes, 1986.

MARX, K. e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MOREIRA, Ruy. **As novas noções do mundo (geográfico) do trabalho**. Bauru: Ciência Geográfica. V. III, 2001.

PERPÉTUA, Guilherme Marini. Mobilidade espacial do capital e da força de trabalho: elementos para uma teorização geográfica a partir da matriz marxista. **Revista Pegada** (on line), Presidente Prudente/SP, vol. 14. n 1, 20, p 58-80, julho/2013.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Edusp, 1979.